

CEMITÉRIO DA SANTA CASA DE CARIDADE DE BAGÉ

Estudos de Arquitetura Funerária



Coletânea de trabalhos do Curso de Arquitetura e Urbanismo da URCAMP



EDITORA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO DA REGIÃO DA CAMPANHA

Av. Tupy Silveira, 2099 CEP 96400-110 - Bagé - RS - Brasil

Telefone: (53) 3242-8244

E-mail: ediurcamp@urcamp.edu.br

Site: www.urcamp.edu.br

FAT - Fundação Áttila Taborda

Presidente:

Dra. Mônica L. Palomino de los Santos

URCAMP – Centro Universitário da Região da Campanha

Reitor:

Dr. Guilherme Cassão Marques Bragança

Pró-Reitora de Inovação, Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação

Dra. Paula Lemos Silveira

Pró-Reitora de Ensino

Dra. Ana Zilda Ceolin Colpo

Me. Marília Pereira, de A. Barbosa

Editor(a) chefe: Dra. Ana Cláudia Kalil Huber

Assessora Técnica: Esp. Maritza Silveira Martins

CONSELHO EDITORIAL

Ana Cláudia Kalil Huber, Dra. URCAMP

Ana Zilda Ceolin Colpo, Dra. URCAMP

Guilherme Cassão M. Bragança, Dr. URCAMP

Henry Gomes de Carvalho, Me. URCAMP

Marília Pereira de A. Barbosa, Me URCAMP

Mônica L. Palomino de los Santos, Dra. URCAMP

Sandro Moreira Tuerlinckx, Dr. URCAMP

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G635c Gonçalves, Magali Nocchi Collares
Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé: estudos de arquitetura funerária. / Orientado por Magali Nocchi Collares Gonçalves, Marcelo David Pereira e Marília Pereira de Ardovino Barbosa; Diagramação por Luiz Miguel Saes Moraes; Revisão por Fernanda Vieira Barasuol - Bagé: Ediurcamp, 2026.

72p.

ISBN: 978-65-86471-61-8

1. Arquitetura - Bagé. 2. Cemitérios - Arquitetura. I. Pereira, Marcelo David. II. Barbosa, Marília Pereira de Ardovino. III. Moraes, Luiz Miguel Saes. IV. Barasuol, Fernanda Vieira. V. Título.

CDD: 700

Catalogação elaborada pelo Sistema de Bibliotecas FAT / Urcamp
Bibliotecária Responsável: Maritza Silveira Martins CRB10/1741

CEMITÉRIO DA SANTA CASA DE CARIDADE DE BAGÉ

ESTUDOS DE ARQUITETURA FUNERÁRIA

Coletânea de trabalhos do Curso de Arquitetura e Urbanismo da URCAMP

ORIENTADORES DOS TRABALHOS

Magali Nocchi Collares Gonçalves

Marcelo David Pereira

Marília Pereira de Ardovino Barbosa

COLABORAÇÃO

Clarisse Ismério

Eduardo Montemuiño

Heloísa Beckman

Nilo Rossell Romero

FOTOGRAFIAS

Luísa Visintainer Alves de Mello

AUTORES

Andréa Vieira Montardo

Bárbara Medeiros Silveira

Douglas Echeverria Ritta

Andrew Schmidt

Érika Rodrigues

Giovana Trebien Rosa

Giovanna Portella

Giovanna Schmidt

Glória Enaile M. Gonçalves

Guilherme Neves de Freitas

Juan Porto Saraiva

Kailany Carvalho

Larissa Nicolini Luna

Letícia Cougo Machado

Letícia Martins Jardim

Lorena Fiuza

Luísa Visintainer Alves de Mello

Luiz Miguel Saes Moraes

Luiza Cabrera

Luize Oliveira Lorensi

Manuela Chibiaque

Maurício Schervesnquy

Monike V. Girard

Myllena R. Vaz

Rafaela Ferreira Silveira

Rafael Morales

Raniéri Molinz

Rodrigo Vivian

Schariane Viana

Thiago Ribeiro

Vanessa Minotto

Vinícius Fagundes Nogueira

ORGANIZAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO

Luiz Miguel Saes Moraes

REVISÃO

Fernanda Vieira Barasuol



SUMÁRIO

Apresentação	5
Palavra da Coordenação do Curso de Arquitetura e Urbanismo	13
Introdução	15
Resumos Expandidos	
Túmulos da Família de José Luiz Martins	20
Monumento Funerário da Família Giorgis	24
Monumento Funerário da Família de Thomaz José Collares	28
Monumento Funerário da Família Alamon	32
Sepulcro de Belizario Sarmiento e sua família	36
Monumento Funerário do Visconde Ribeiro de Magalhães	40
Monumento Funerário de Antônio de Souza Netto	44
Panteón: Um Monumento Espanhol no Cemitério de Bagé	48
O Jazigo de Tristão Riet	52
Maquetes	
Túmulos da Família de José Luiz Martins	60
Monumento Funerário da Família Giorgis	61
Panteón - Um Monumento Espanhol no Cemitério de Bagé	62
O Jazigo de Tristão Riet	63
Considerações Finais	65
Glossário	68



APRESENTAÇÃO

Sobre o CAU/RS

O Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio Grande do Sul é uma autarquia federal criada pela Lei nº 12.378/2010 para regulamentar, orientar e fiscalizar o exercício da Arquitetura e Urbanismo no estado. Com atuação voltada ao interesse público, o Conselho trabalha pela valorização profissional e pela promoção de cidades mais qualificadas, acessíveis, sustentáveis e inclusivas para toda a população gaúcha.

Além das ações de fiscalização e orientação profissional, o CAU/RS desenvolve iniciativas voltadas à preservação do patrimônio cultural, assistência técnica em habitação de interesse social (ATHIS), planejamento urbano e qualificação dos espaços urbanos e rurais. O Conselho também atua em parceria com universidades, entidades, movimentos sociais e instituições públicas para ampliar o debate sobre o papel da Arquitetura e Urbanismo na melhoria da qualidade de vida.

Por meio dos editais de patrocínio, o CAU/RS fomenta projetos, eventos, publicações, pesquisas, seminários, exposições e ações culturais que contribuem para fortalecer a produção de conhecimento, a inovação e a valorização da Arquitetura e Urbanismo no Rio Grande do Sul. As iniciativas apoiadas estimulam a troca de experiências, a formação profissional e a aproximação entre arquitetos, urbanistas e sociedade, ampliando o alcance de temas fundamentais para o desenvolvimento das cidades e territórios do estado.

A Fundação Attila Taborda, juntamente com a URCAMP, reafirmam, por meio desta publicação, seu compromisso com a produção de conhecimento, a formação acadêmica de excelência e a valorização do patrimônio cultural regional. Este trabalho evidencia sua força institucional ao articular ensino, pesquisa e extensão em uma iniciativa que dialoga diretamente com a memória e a identidade de Bagé.

Destacamos, de maneira especial, o protagonismo do Curso de Arquitetura e Urbanismo, que, ao conduzir este estudo, demonstra sua maturidade acadêmica e seu compromisso com a leitura crítica do espaço construído. A dedicação de professores e estudantes revela a potência formativa de experiências que conectam teoria e prática, qualificando o olhar sobre o patrimônio e contribuindo para sua preservação. Registramos também nosso reconhecimento à Consultoria Júnior URCAMP, cuja atuação reafirma o protagonismo estudantil e a capacidade de articulação de projetos voltados à comunidade e à valorização do patrimônio cultural.

Ressaltamos também o papel fundamental da EDIURCAMP, nossa editora, responsável por viabilizar a difusão deste trabalho. Ao dar forma e alcance a produções como esta, a EDIURCAMP cumpre sua missão de tornar o conhecimento acessível, fortalecendo o vínculo entre URCAMP e comunidade.

Agradecemos ainda ao Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Rio Grande do Sul (CAU/RS), cujo apoio e incentivo às ações voltadas ao patrimônio cultural e à formação acadêmica tornam possíveis iniciativas como esta, ampliando seu alcance e fortalecendo sua relevância social.

Esta publicação consolida a URCAMP como instituição comprometida com a cultura, a história e o desenvolvimento regional, reafirmando seu papel como agente ativo na construção e preservação da memória coletiva.

Prof. Dr. Guilherme Cassão Marques Bragança

Reitor da Urcamp

Profª. Dra. Mônica L. Palomino de los Santos

Presidente da Fundação Áttila Taborda

A Inov@ Consultoria Júnior URCAMP tem a satisfação de integrar esta publicação como parte das ações da Jornada do Patrimônio, proposta ao CAU/RS com o objetivo de valorizar e difundir o patrimônio cultural de Bagé. Este livro representa um desdobramento concreto dessa iniciativa, articulando conhecimento acadêmico e compromisso com a comunidade.

Acreditamos que a aproximação entre universidade e sociedade é essencial para a construção de uma cultura de preservação. Nesse sentido, a participação dos acadêmicos do Curso de Arquitetura e Urbanismo, aliada ao trabalho de seus professores, demonstra o potencial transformador da formação universitária quando orientada para questões reais do território.

A Inov@ reafirma, por meio desta ação, seu papel como agente de articulação entre ensino, prática profissional e extensão, promovendo iniciativas que fortalecem a atuação dos estudantes e ampliam o alcance social da Universidade.

Temos a convicção de que este trabalho contribui significativamente para a valorização do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé, integrando-se à Jornada do Patrimônio como uma importante entrega à comunidade e ao campo da arquitetura.

Sabrina Wall Braun

Presidente da Inov@ Consultoria Júnior

Prof^a. Ma. Rita Luciana Saraiva Jorge

Coordenadora da Inov@ Consultoria Júnior

Todo tempo – e espaço – tem seus ícones. E, sem dúvida alguma, os grandes símbolos de status e riqueza do período de ouro de nossa cidade, dos primeiros anos do século passado, eram ter-se um faqueiro de prata, uma coberta de mesa da melhor porcelana, reluzentes cristais, uma bela sede de estância e dois palacetes, sendo que um para cidade e outro para o “post mortem”.

E parte desta riqueza do passado de nossa cidade pode, ainda, afortunadamente ser vista por entre os muros de nosso cemitério. É que se o mundo dos vivos é indubitavelmente o da mudança, o da permanência parece ser o mundo dos mortos.

Apogeu que, diga-se de passagem, não era um privilégio de nossa cidade, mas sim de todo este vasto pampa e do Rio da Prata, que, no que tange ao esplendor e riqueza, constituía-se numa espécie de Emirados Árabes Unidos daquela época.

Muitos destes belos e históricos mausoléus eram até mesmo feitos em Montevideu, Buenos Aires ou, vindos da Europa, comprados por catálogo e desembarcados no porto da capital “porteña”.

Pois foi para que se possa conhecer todo este patrimônio, esta arquitetura, simbologia e história que se criou o Projeto Cemitério Memória Viva. Para que se possa preservar este “verdadeiro museu a céu aberto”.

E este e-book nada mais é do que um registro de todo um trabalho que foi desenvolvido, dentro do Projeto, em conjunto com o Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário da Região da Campanha (URCAMP), esta nossa grande parceira de todas as horas.

Longa vida ao Projeto e que venham muitas outras atividades em conjunto!

Nilo Rossell Romero

Projeto Cemitério Memória Viva

O Cemitério da Santa Casa de Bagé é um dos mais valiosos patrimônios da Rainha da Fronteira. Abriga preciosas sepulturas, monumentos e conjuntos com grande valor histórico, artístico e arquitetônico que preservam a história de famílias e habitantes de nossa cidade, sendo fundamentais para nossa identidade.

A contribuição das diversas etnias no desenvolvimento de Bagé, especialmente no século XIX, marca o apogeu da economia, sendo também refletida na construção de preciosos túmulos onde se destacam os espanhóis, que em 1924 aprovam a construção de um Panteón com projeto do arquiteto espanhol Henrique Tobal. O Panteón destaca-se no Cemitério pela grandiosidade e também pelos símbolos esculpidos que representam a religiosidade e a coroa espanhola.

A Família Galibern—Ramon, Melchior e José—de Girona, fundadores da Sociedade Espanhola, constroem belíssimo jazigo. Ramon, depois de um período em Bagé como Vice Cônsul, retorna para a Espanha e constrói, em Girona, a Fundação Mascort, um importante Museu. Foi também Ramon que doou os sinos e o relógio para a Catedral de Bagé, enviados da Espanha em 1884. Um dos mais bonitos túmulos é da Família Alamon, espanhóis de Navarra, também fundadores da Sociedade Espanhola. Constroem jazigo-capela feito em Buenos Aires por Aliboni com material vindo da Itália. Merece destaque também o mausoléu do espanhol Francisco Ilarregui, assinado pelo marmorista A. Brassanti e executado com mármore de Carrara branco.

Na época, a disputa entre marmoristas era muito acirrada e chegavam a recorrer aos jornais registrando críticas aos trabalhos realizados pelos colegas de profissão. Assim como os espanhóis, outras etnias e também a própria comunidade bageense pensou em seus mortos, enriquecendo nossa Primeira Divisão.

O mais importante é que permanecem preservados e cuidados ao longo do tempo, guardando a memória e a história de Bagé.

Heloisa Beckman

Integrante do Projeto Cemitério Memória Viva

Diretora de Patrimônio da Sociedade Espanhola de Bagé

Os cemitérios constituem-se como verdadeiros museus a céu aberto, que expressam na riqueza de seu acervo, as marcas da opulência econômica e política das cidades. Lugares de memória por excelência, revelam-se também como espaços de aprendizagem, onde histórias, arquiteturas e simbologias sussurram sentidos àqueles que se dispõem a interpretá-los.

Essa dimensão ganha forma na belíssima iniciativa desenvolvida por estudantes e professores do Curso de Arquitetura da Urcamp, à qual tive a honra de somar minhas orientações. Participar desse projeto significa, para mim, mais do que uma colaboração: é o reconhecimento e a valorização de uma trajetória de 21 anos dedicada aos estudos do patrimônio cemiterial do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé, onde vidas, memórias e histórias permanecem entrelaçadas no tempo.

Prof^a. Dra. Clarisse Ismério

Historiadora, Doutora em História do Brasil.

Professora na EEM Dr. Carlos Antônio Kluwe e na Urcamp

Coordenadora dos Cursos de Pedagogia e História da Urcamp

Coordenadora e Idealizadora do Projeto Sarau Noturno

Cada cementerio es un relato social de múltiples lecturas que se proyecta del pasado al presente y debemos valorarlo como parte de un patrimonio vivo de todos, es la memoria que nos habla de lo que hoy somos y nos proyecta al futuro con raíces profundas en la historia.

Agradezco especialmente a Nilo Rossell Romero y Heloísa Beckman, así como a la Administración del Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé por la invitación a colaborar en el valioso aporte del projeto Cemitério – Memória Viva para la comprensión del contenido educativo del patrimonio funerario local.

Es una investigación cuidada, llevada adelante por docentes y estudiantes del que destaco el compromiso de trabajo con un material muy sensible para la sociedad, en el estudio de sus arquitecturas, simbologías, autores y su rica representatividad social a lo largo de décadas y su presencia en la historia regional. Les hago llegar mis felicitaciones por este logro.

Eduardo Montemuiño

Arquitecto y Gestor Cultural

Coordinador de la Red Uruguaya de Cementerios y Sitios Patrimoniales



PALAVRA DA COORDENAÇÃO DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO—URCAMP

É com grande satisfação que o Curso de Arquitetura e Urbanismo da URCAMP apresenta esta publicação, fruto de um trabalho coletivo que articula ensino, pesquisa e extensão em torno de um tema de profunda relevância cultural: o Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé. A participação do curso neste projeto representa uma alegria particular, na medida em que dialoga diretamente com outras ações já desenvolvidas no âmbito acadêmico voltadas à valorização e preservação do patrimônio cultural. Inserir o cemitério nesse campo de investigação reafirma sua condição como espaço de memória, mas também como território legítimo de estudo da arquitetura e da cidade.

Este trabalho nasce a partir da iniciativa do projeto Cemitério – Memória Viva, ao qual registramos nosso sincero agradecimento, nas pessoas de Nilo Rossell Romero e Heloísa Beckman, bem como à administração do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé, pelo apoio e pela abertura ao desenvolvimento desta atividade. Ainda, gostaríamos de agradecer a Prof^a. Dra. Clarisse Ismério e ao Arquiteto Eduardo Montemuiño, pela orientação e disponibilidade para auxiliar nas pesquisas dos alunos. A interlocução com pesquisadores e agentes envolvidos foi fundamental para a construção deste percurso. Destacamos, igualmente, o empenho dos acadêmicos, que se dedicaram à elaboração dos resumos expandidos sob orientação das professoras Dra. Magali Nocchi Collares Gonçalves e Ma. Marília Pereira de Ardovino Barbosa, assim como à construção das maquetes, orientadas pelo professor Esp. Marcelo David Pereira. O envolvimento dos estudantes evidencia o potencial formativo de experiências que conectam teoria e prática, aproximando o ensino da realidade concreta do patrimônio edificado. Temos a convicção de que esta publicação constitui uma contribuição relevante para a memória local, para a valorização do cemitério enquanto acervo arquitetônico e para a formação acadêmica dos estudantes, consolidando o papel da URCAMP como agente ativo na preservação e interpretação do patrimônio cultural.

Prof^a Dra. Fernanda Vieira Barasuol

Coordenadora do Curso de Arquitetura e Urbanismo—Urcamp



INTRODUÇÃO

A presente publicação tem origem em uma demanda vinculada ao projeto Cemitério – Memória Viva, iniciativa encabeçada por Nilo Rossell Romero e Heloísa Beckman, com o apoio da direção do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé. Voltado à valorização do patrimônio cemiterial local, o projeto estabeleceu um diálogo direto com o Curso de Arquitetura e Urbanismo da URCAMP, contando também com a colaboração de estudiosos do campo, como os pesquisadores Eduardo Montemuiño e Clarisse Ismério.

A partir dessa articulação, o curso organizou o trabalho em diferentes frentes. As turmas vinculadas às componentes de Teoria e História da Arquitetura, orientadas pelas professoras Magali Nocchi Collares Gonçalves e Marília Pereira de Ardivino Barbosa, desenvolveram resumos expandidos sobre túmulos previamente selecionados pelos propositores do projeto, enquanto as turmas da componente de Maquete, sob orientação do professor Marcelo David Pereira, dedicaram-se à produção de modelos físicos desses mesmos exemplares. Esse

movimento, mais do que uma atividade acadêmica pontual, configura um exercício de aproximação entre ensino, pesquisa e extensão, no qual o repertório arquitetônico é mobilizado como ferramenta de leitura da cidade — ainda que em um de seus espaços mais silenciosos.

O Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé apresenta-se, nesse contexto, como um campo particularmente fértil para a investigação arquitetônica. Inaugurado em 1858, reúne um conjunto expressivo de monumentos produzidos ao longo de diferentes períodos, constituindo um acervo relevante para a compreensão das linguagens arquitetônicas que atravessam a história local.

Sua implantação urbana reforça essa condição. Localizado ao sul da cidade, no ponto de origem da Avenida Sete de Setembro — principal eixo viário de Bagé —, o cemitério estabelece uma relação singular com o tecido urbano, sugerindo, quase como imagem, que a cidade se organiza a partir dele. Internamente, essa lógica se reitera: a primeira divisão, mais antiga e objeto

central deste estudo, apresenta um traçado regular em quadras retangulares definidas por eixos ortogonais, aproximando-se da própria matriz de organização da cidade.

O livro organiza-se a partir dos trabalhos produzidos pelos estudantes, aqui revistos com o intuito de estabelecer uma base comum de leitura, sem anular as particularidades de cada análise. Estruturalmente, a publicação apresenta, em um primeiro momento, os resumos expandidos dos monumentos estudados, seguidos pela apresentação das maquetes físicas desenvolvidas a partir desses mesmos exemplares. Em ambos os casos, os conjuntos são precedidos por plantas baixas do cemitério, que situam espacialmente os objetos analisados, permitindo ao leitor compreender sua inserção no traçado e na paisagem cemiterial.

Buscou-se evidenciar a contribuição do olhar arquitetônico sobre os monumentos tumulares. Por isso, optou-se por privilegiar a análise arquitetônica, com ênfase em seus aspectos formais, compositivos e de implantação. Essa escolha não decorre da negação de outras abordagens possíveis, mas da necessidade de afirmar um campo de leitura.

Os elementos escultóricos e decorativos são, portanto,

considerados em sua dimensão plástica e em sua integração à estrutura, entendidos como parte do vocabulário arquitetônico desses monumentos. Reconhece-se que tais elementos também se vinculam a tradições simbólicas amplas, cuja interpretação constitui um campo específico de investigação. Busca-se, assim, compreender como esses monumentos se organizam, como se implantam e como constroem presença e significado a partir de sua própria materialidade.

Ao reunir esses estudos, o livro propõe não apenas o registro de exemplares significativos do Cemitério da Santa Casa de Bagé, mas também uma forma de olhar para eles. Trata-se de uma leitura que evidencia as possibilidades da arquitetura enquanto instrumento de análise, capaz de contribuir para a compreensão desses monumentos a partir de sua forma construída, de sua implantação e de suas relações com o conjunto. Sem pretender esgotar as múltiplas interpretações possíveis, busca-se, assim, oferecer uma chave de leitura que permita reconhecer, no Cemitério, não apenas um espaço de memória, mas também um campo qualificado de produção arquitetônica.

O organizador

RESUMOS EXPANDIDOS

1-TÚMULOS DA FAMÍLIA DE JOSÉ LUIZ MARTINS

2-MONUMENTO FUNERÁRIO DA FAMÍLIA GIORGIS

3-MONUMENTO FUNERÁRIO DA FAMÍLIA DE THOMAZ JOSÉ COLLARES

4-MONUMENTO FUNERÁRIO DA FAMÍLIA ALAMON

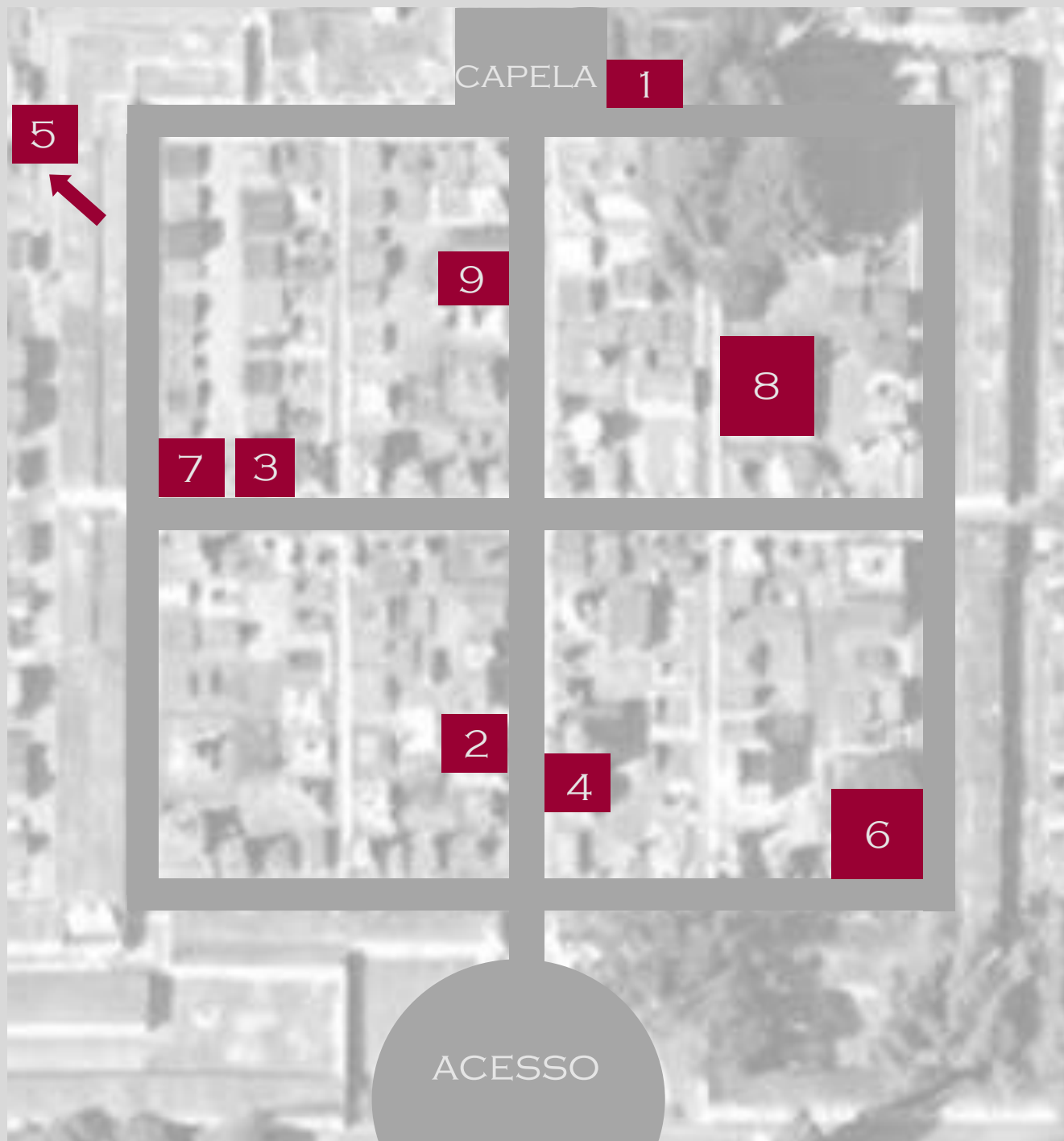
5-SEPULCRO DE BELIZARIO SARMENTO E SUA FAMÍLIA

6-MONUMENTO FUNERÁRIO DO VISCONDE RIBEIRO DE MAGALHÃES

7-MONUMENTO FUNERÁRIO DE ANTÔNIO DE SOUZA NETTO

8-PANTEÓN: UM MONUMENTO ESPANHOL NO CEMITÉRIO DE BAGÉ

9-O JAZIGO DE TRISTÃO RIET







1. TÚMULOS DA FAMÍLIA DE JOSÉ LUIZ MARTINS

INTRODUÇÃO

O conjunto tumular da família de José Luiz Martins integra um dos primeiros núcleos de ocupação funerária junto à capela do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé. Trata-se de dois jazigos-capela implantados lado a lado, em nível do solo, sem elevação por escadarias, configurando uma ocupação inicial e contínua do espaço cemiterial.

Neste contexto, o estudo busca compreender esses dois monumentos como peças de arquitetura funerária, destacando suas soluções formais, seus sistemas de acesso e suas diferenças compositivas.

OBJETIVO

O presente trabalho tem como objetivo documentar e analisar os dois jazigos da família Martins, enfatizando suas características arquitetônicas, contribuindo para a leitura do patrimônio funerário de Bagé.

Autores: Kailany Carvalho; Luiza Cabrera; Thiago Ribeiro

Orientação: Prof^a. Ma. Marília Pereira de Ardovino Barbosa

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida a partir de levantamento fotográfico in loco, observação direta dos monumentos e consulta a fontes históricas e bibliográficas, com apoio de visita orientada ao cemitério. O enfoque foi direcionado à leitura arquitetônica dos jazigos e à compreensão de sua implantação no conjunto.

ANÁLISE DO MONUMENTO

Implantação e Conjunto

Os dois jazigos-capela encontram-se lado a lado, junto à capela do cemitério, compondo um conjunto coeso de ocupação inicial do espaço funerário. Ambos são implantados diretamente no nível do solo, sem escadaria de acesso, o que reforça sua condição de continuidade com o terreno e sua integração ao percurso interno do cemitério.

Apesar da proximidade física, os dois monumentos apresentam soluções arquitetônicas distintas, evidenciando variações de linguagem dentro de uma mesma unidade familiar.

Jazigo 1 – Composição Simplificada

O primeiro jazigo apresenta linguagem mais contida, com composição frontal simplificada e sem o uso de ordens clássicas completas. A organização da fachada é marcada por um eixo central e por limites laterais definidos, nos quais se destacam dois elementos verticais em forma de tocheiros invertidos. Esses elementos funcionam como encerramento compositivo lateral, substituindo a presença de colunas e estabelecendo o limite visual do volume. O acesso é realizado por gradil metálico, que organiza a transição entre o exterior e o espaço interno. A composição superior é finalizada por um frontão de forma semicircular, que reforça a centralidade do conjunto.

Jazigo 2 – Composição Mais Elaborada

O segundo jazigo apresenta maior complexidade compositiva e maior densidade ornamental. O acesso se dá por portão em ferro inserido em abertura em arco pleno, marcado por chave central, estabelecendo um ponto de entrada claramente hierarquizado.

A estrutura lateral é definida por pilastras caneladas, que organizam verticalmente a fachada e sustentam o

entablamento superior. A partir desse conjunto, desenvolve-se um frontão triangular, que reforça a referência a repertórios clássicos reinterpretados no contexto funerário.

Acima do frontão, uma platibanda prolonga o eixo vertical das pilastras, incorporando novamente dois tocheiros como elementos de coroamento. No topo, uma escultura finaliza a composição, funcionando como arremate visual do conjunto e reforçando sua hierarquia vertical.

Elementos Escultóricos e Decorativos

Nos dois jazigos, os elementos decorativos desempenham papel estruturador na leitura arquitetônica, atuando como prolongamentos da composição.

Os tocheiros invertidos aparecem marcando limites laterais e atuando como dispositivos de encerramento formal. No segundo jazigo, esses elementos são reinterpretados como prolongamentos verticais das pilastras, reforçando a lógica compositiva do conjunto.

O uso do ferro nos gradis e portões introduz uma camada de permeabilidade controlada, definindo a transição entre espaço público e espaço funerário.

No jazigo mais elaborado, a presença de escultura de coroaamento e o tratamento ornamental da platibanda ampliam a complexidade formal do conjunto, estabelecendo uma hierarquia clara entre base, corpo e topo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto dos jazigos da família Martins evidencia diferentes estratégias de composição na arquitetura funerária do início da ocupação do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé.

A análise permite identificar tanto soluções mais contidas quanto composições mais elaboradas, revelando variações de linguagem dentro de uma mesma unidade familiar. Mais do que um registro histórico, os monumentos se apresentam como exercícios de organização formal, nos quais estrutura, acesso e elementos decorativos constroem a leitura arquitetônica do conjunto.

REFERÊNCIAS

ISMÉRIO, C. *Sarau noturno: representações e sensibilidades sob o olhar da arte cemiterial*. 1. ed. Bagé: EDIURCAMP, 2018.

_____. Um outro olhar sobre os cemitérios: refletindo à

arte cemiterial. *Revista de Teoria da História*, v. 18, n. 2, dez. 2017.

MONTEMUIÑO, E. Vídeo sobre ornamentos cemiteriais e Palestra sobre Patrimônio Funerário. Bagé, 2024.

ROMERO, N. Entrevista concedida a Kailany Carvalho, Luiza Cabrera e Thiago Vivian. Bagé, 18 set. 2024.



2. MONUMENTO FUNERÁRIO DA FAMÍLIA GIORGIS

INTRODUÇÃO

O Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé reúne exemplares significativos da arquitetura funerária associados a diferentes períodos e linguagens formais. Entre esses, destaca-se o túmulo da família Giorgis, cuja composição evidencia referências ao repertório neoclássico, perceptíveis na organização formal e nos elementos arquitetônicos empregados.

OBJETIVO

O presente estudo tem como objetivo documentar e analisar o túmulo da família Giorgis, com ênfase em seus aspectos arquitetônicos e compositivos, contribuindo para a valorização do patrimônio cemiterial de Bagé.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida a partir de visita ao cemitério, levantamento fotográfico do monumento e pesquisa histórica

Autores: Manuela Chibiaque; Rodrigo Vivian

Orientação: Profª. Ma. Marília Pereira de Ardovino Barbosa

complementar, buscando registrar suas características formais e compreender sua inserção no conjunto funerário.

ANÁLISE DO MONUMENTO

Contexto e Implantação

O monumento insere-se no conjunto do cemitério como um exemplar de forte presença formal, organizado a partir de uma lógica frontal que privilegia a leitura da fachada. Sua implantação reforça essa condição, permitindo a apreensão clara de sua composição simétrica e de sua referência aos modelos arquitetônicos clássicos reinterpretados no contexto funerário.

Análise Arquitetônica

O túmulo apresenta composição de jazigo-capela, estruturada a partir de uma fachada simétrica claramente definida. A organização volumétrica remete à tipologia de templo clássico, adaptada à escala e à função funerária.

A fachada é ordenada por colunas caneladas de ordem coríntia, que estabelecem o ritmo vertical da composição e configuram um sistema de enquadramento do plano frontal. Essas colunas sustentam um entablamento bem definido, sobre o qual se apoia um frontão triangular, consolidando a leitura de um vocabulário arquitetônico diretamente vinculado à tradição clássica.

A composição evidencia hierarquia e clareza formal, com distinção entre base, corpo e coroamento. O uso predominante do mármore contribui para a unidade do conjunto, além de valorizar a precisão dos elementos construtivos e o acabamento das superfícies. A organização geral privilegia a estabilidade e o equilíbrio, características fundamentais da linguagem neoclássica.

Elementos Escultóricos e Decorativos

Os elementos escultóricos e decorativos são integrados à estrutura arquitetônica, atuando de forma complementar à composição.

Destacam-se figuras aladas posicionadas no coroamento, que funcionam como elementos de finalização e reforçam o eixo

central do monumento.

No frontão e nas superfícies adjacentes, observam-se elementos ornamentais em relevo, que qualificam o plano arquitetônico por meio de detalhes controlados e compatíveis com a linguagem do conjunto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O túmulo da família Giorgis constitui um exemplar relevante da arquitetura funerária de Bagé, destacando-se pela clareza de sua composição e pela consistente incorporação do repertório neoclássico.

Sua análise contribui para a compreensão do cemitério como um espaço de expressão arquitetônica qualificada, no qual diferentes linguagens formais materializam valores e referências de seu tempo, reforçando a importância de sua preservação enquanto patrimônio cultural.

REFERÊNCIAS

BASTIANELLO, E. M. T. Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública, étnica e artefactual

(1858-1950). 2010. 169 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

WATKIN, D. *Arquitetura neoclássica*. São Paulo: Editora XYZ, 2001.



3. MONUMENTO FUNERÁRIO DA FAMÍLIA DE THOMAZ JOSÉ COLLARES

INTRODUÇÃO

O Cemitério da Santa Casa de Bagé reúne exemplares significativos da arquitetura funerária produzida entre o final do século XIX e início do século XX, constituindo um importante acervo para a compreensão das linguagens arquitetônicas presentes na cidade. Nesse contexto, destaca-se o monumento funerário da família de Thomaz José Collares, cuja composição evidencia referências formais associadas ao repertório neogótico.

OBJETIVO

O presente estudo tem como objetivo documentar e analisar o monumento funerário da família de Thomaz José Collares, com ênfase em seus aspectos arquitetônicos, compositivos e históricos, contribuindo para a valorização do patrimônio cemiterial de Bagé.

Autores: Bárbara Medeiros Silveira; Letícia Martins Jardim

Orientação: Prof^a. Dra. Magali Nocchi Collares Gonçalves

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida a partir de revisão bibliográfica, levantamento de dados históricos da família, pesquisa documental, entrevistas e visita exploratória ao cemitério, com registro fotográfico e observação direta das características arquitetônicas do monumento.

ANÁLISE DO MONUMENTO

Localização

Quadrante C, nº 70.

Contexto Histórico

O primeiro sepultamento no jazigo ocorreu em 1905. Thomaz José Collares (1821–1887) esteve vinculado a atividades agropecuárias na região platina, com atuação no comércio de gado e estabelecimento de propriedade rural no Uruguai (Pires, 1992). O monumento funerário associa-se, portanto, a um contexto de circulação econômica e social entre Bagé e

territórios vizinhos no período.

Autoria

O jazigo foi projetado por José Martinez Lopez.

Análise Arquitetônica

O monumento configura-se como um jazigo-capela de inspiração neogótica, organizado segundo uma composição frontal rigorosamente simétrica. A fachada estrutura-se enfatizando a verticalidade característica de sua linguagem arquitetônica.

O acesso é marcado por escadaria, ladeada por dois pedestais robustos que servem de fundação e suporte para a estatuária do nível superior. Em frente aos degraus, um gradil de ferro ornamental guarnece e protege o acesso ao sepulcro.

O corpo do monumento apresenta esquadria central envidraçada em arco ogival, ladeada por duas esculturas de figuras femininas. A fachada é arrematada por quatro colunas que sustentam, cada uma, pináculos que reforçam o caráter vertical do conjunto. Acima do acesso, o tímpano é preenchido por rendilhados e motivos em trifólio, conferindo leveza e

riqueza de detalhes à composição.

O conjunto é finalizado por um frontão triangular agudo, arrematado por um elemento escultórico de coroamento. Espacialmente, destaca-se a organização do sistema de sepultamentos, que se dá na porção posterior do jazigo, e não no interior da capela. Dessa forma, as lápides encontram-se voltadas para a face posterior do conjunto, evidenciando uma dissociação entre o espaço de representação — voltado à contemplação e à expressão simbólica — e o espaço efetivo de inumação.

Elementos Escultóricos e Decorativos

O monumento incorpora duas figuras escultóricas posicionadas lateralmente à entrada, integradas à composição arquitetônica e contribuindo para o caráter expressivo do conjunto. Observa-se também a presença de elementos ornamentais com motivos vegetalistas, como folhas de acanto, aplicados em diferentes partes da estrutura.

No coroamento, destaca-se um elemento escultórico central com configuração alada, funcionando como arremate da composição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O monumento funerário da família de Thomaz José Collares constitui um exemplar relevante da arquitetura funerária de Bagé, destacando-se pela clareza compositiva e pela articulação de elementos associados ao repertório neogótico.

Sua análise contribui para a compreensão do cemitério como um espaço de diversidade formal e histórica, no qual diferentes linguagens arquitetônicas coexistem, refletindo contextos sociais, culturais e construtivos distintos.

REFERÊNCIAS

BASTIANELLO, E.M.T. A memória retida na pedra. Bagé: Praça da Matriz, 2016

CERQUEIRA, F. V., & BASTIANELLO, E M. T. (2012). Espaço funerário, etnias e valores religiosos no Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé, RS: histórias de rechaço e acolhimento, um judeu e um negro. Revista Brasileira De História & Ciências Sociais, 4(8)

FAGUNDES, E. Inventário cultural de Bagé um passeio pela história. Porto Alegre: Evangraf, 2012

ISMÉRIO, C. Sarau noturno: representações e sensibilidades sob

o olhar da arte cemiterial. / Clarisse Ismério organizadora. Bagé: Ediurcamp, 2021.

PIRES, A. C. Palmas da Gente, Guardados da Memória. Bagé: Editora URCAMP, 1992.



4. MONUMENTO FUNERÁRIO DA FAMÍLIA ALAMON

INTRODUÇÃO

O Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé constitui um importante acervo de memória material da cidade, no qual se destacam exemplares significativos da arquitetura funerária. Entre esses, o jazigo-capela da Família Alamon apresenta características formais e construtivas que o inserem em um repertório arquitetônico vinculado a linguagens historicistas e à produção funerária de caráter internacional.

OBJETIVO

O presente estudo tem como objetivo documentar e analisar o monumento funerário da Família Alamon, com ênfase em seus aspectos arquitetônicos, construtivos e compositivos, bem como situá-lo no contexto histórico do Cemitério da Santa Casa.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida a partir de levantamento fotográfico, observação direta do monumento, consulta a fontes

Autores: Luize Oliveira Lorensi; Rafaela Ferreira Silveira

Orientação: Prof^a. Dra. Magali Nocchi Collares Gonçalves

históricas e realização de visita guiada ao Cemitério, buscando registrar e compreender suas características formais e sua inserção no conjunto funerário.

ANÁLISE DO MONUMENTO

Localização

Quadrante B, nº 67 e TP 08.

Contexto Histórico

A família Alamon possui origem espanhola e esteve vinculada a atividades comerciais e financeiras com inserção internacional, com registros de atuação na França e na região platina. Nicolás Alamon destacou-se como um dos fundadores e protetores da Sociedade Espanhola de Bagé, em 1868, evidenciando sua participação na vida associativa local. João Alamon, por sua vez, atuou como construtor, estabelecendo vínculos familiares na cidade (Fagundes, 2012).

A presença da família no Cemitério da Santa Casa, materializada

no jazigo-capela, insere-se em um contexto mais amplo de afirmação social por meio da arquitetura funerária no final do século XIX. Nesse sentido, o monumento não apenas abriga os restos mortais de seus membros, mas também expressa valores, vínculos e estratégias de representação social associados à trajetória familiar (Bastianello, 2016).

Origem e Autoria

O jazigo, do tipo capela, foi executado no exterior, com assinatura de B. Aliboni y G. Santini, atuantes em Buenos Aires, datando de 1879. Sua origem evidencia a circulação de modelos e repertórios arquitetônicos entre centros urbanos da região platina no período.

Análise Arquitetônica

O monumento configura-se como um jazigo-capela, organizado segundo uma composição frontal simétrica. A fachada estrutura-se em base, corpo e coroamento, conforme recorrente na arquitetura eclética do período. O acesso é marcado por escadaria, que estabelece a transição entre o plano do solo e o volume edificado, reforçando sua monumentalidade.

Na base, dois óculos envidraçados permitem a visualização do interior do compartimento funerário. Em frente à escadaria, um gradil ornamental garante o acesso.

O corpo do monumento apresenta esquadria central em arco pleno, ladeada por motivos florais. A fachada é arrematada lateralmente por colunas coríntias de fuste canelado, responsáveis por sustentar o entablamento, onde se inscreve o nome da família. Em segundo plano, colunas adossadas do mesmo estilo reforçam a profundidade da composição e projetam o coroamento para a frente.

O conjunto é finalizado por frontão triangular e cúpula, conferindo ao jazigo um volume destacado na paisagem do cemitério.

Elementos Escultóricos e Decorativos

O monumento incorpora elementos escultóricos figurativos, incluindo duas figuras femininas em atitude de recolhimento, além de motivos florais e ornamentais aplicados à composição. Esses elementos contribuem para o caráter expressivo do conjunto, acompanhando a leitura arquitetônica da estrutura. No coroamento, destaca-se a presença de figura escultórica

alada, posicionada sobre a cúpula, funcionando como elemento de finalização compositiva.

Ediurcamp, 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O monumento funerário da família Alamon constitui um exemplar significativo da arquitetura funerária de Bagé, destacando-se pela qualidade de sua execução, pela complexidade compositiva e pela presença de repertórios arquitetônicos vinculados a tradições internacionais. Sua análise contribui para a compreensão do cemitério como um conjunto heterogêneo de linguagens e soluções arquitetônicas, evidenciando a importância desses espaços como registros materiais da história urbana e cultural.

REFERÊNCIAS

BASTIANELLO, E.M.T. A memória retida na pedra. Bagé: Praça da Matriz, 2016.

FAGUNDES, E. Inventário cultural de Bagé um passeio pela história. Porto Alegre: Evangraf, 2012.

ISMÉRIO, C. Sarau noturno: representações e sensibilidades sob o olhar da arte cemiterial. / Clarisse Ismério organizadora. Bagé:



5. SEPULCRO DE BELIZARIO SARMENTO E SUA FAMÍLIA

INTRODUÇÃO

O Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé constitui um importante acervo de memória material, reunindo exemplares significativos da arquitetura funerária produzida entre o final do século XIX e início do século XX. Nesse contexto, destaca-se o sepulcro da família Sarmento, cuja composição evidencia a incorporação de repertórios historicistas associados à representação social e à monumentalidade.

OBJETIVO

O presente estudo tem como objetivo documentar e analisar o monumento funerário da família Sarmento, com ênfase em seus aspectos históricos, arquitetônicos e compositivos, contribuindo para a valorização do patrimônio cemiterial de Bagé.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida a partir de revisão bibliográfica, entrevistas com especialistas, participação em atividades

Autores: Juan Porto Saraiva; Guilherme Neves de Freitas

Orientação: Prof^a. Dra. Magali Nocchi Collares Gonçalves

acadêmicas e observação direta do monumento, com levantamento fotográfico e análise de suas características formais.

ANÁLISE DO MONUMENTO

Contexto Histórico

Segundo informações de Nilo Rossell Romero, descendente de Belizário Sarmento, o sepulcro foi encomendado por Manoel Alves Sarmento (1877–1951) em homenagem a seus pais, Belizário Sarmento (1834–1899) e Maria Ignez Martins Alves Sarmento (1843–1906), destinando-se ao uso familiar.

Manoel destacou-se como importante proprietário rural, com atuação no setor agropecuário e propriedades distribuídas entre o Brasil e o Uruguai, evidenciando sua inserção na dinâmica econômica da região platina.

O monumento consolida-se, assim, como espaço de memória da família Sarmento, tendo recebido posteriormente os restos

mortais do próprio Manoel Alves Sarmiento.

Autoria

O monumento foi encomendado à Casa Cerviño, no Uruguai.

Análise Arquitetônica

O monumento configura-se como um jazigo-capela, organizado segundo uma composição frontal simétrica e hierarquizada. A implantação se dá sobre um embasamento elevado, acessado por escadaria com acesso frontal, rompendo com a simetria do conjunto.

A volumetria é composta por um corpo principal de proporções alongadas, ao qual se articula uma fachada de maior elaboração formal, contrastando com as laterais e a porção posterior, mais cegas e de tratamento simplificado. Essa distinção evidencia a separação entre a face representativa e as demais superfícies, de caráter mais funcional.

A fachada principal apresenta organização tripartida, com base, corpo e coroamento bem definidos. O acesso é marcado por porta central protegida por gradil metálico, sobre a qual se desenvolve um arco de composição elaborada, com subdivisões

radiais que lembram uma rosácea reinterpretada.

Elementos verticais estruturam a composição, com destaque para colunas que organizam o ritmo da fachada. Observa-se o uso de colunas salomônicas, recurso que introduz dinamismo à composição e remete a repertórios historicistas, enquanto outras colunas apresentam leitura mais próxima de ordens clássicas simplificadas.

O coroamento é marcado por frontão triangular acentuado, ladeado por pináculos, reforçando a verticalidade do conjunto. Sobre esse sistema, eleva-se um elemento escultórico que atua como ponto focal e arremate da composição.

Elementos Escultóricos e Decorativos

O arco sobre a porta principal constitui um dos principais elementos decorativos do conjunto, com subdivisões radiais que evocam uma rosácea, conferindo maior expressividade ao eixo central. Associado a ele, observa-se a presença de molduras, frisos e ornamentos em relevo que reforçam a hierarquia da composição.

As colunas salomônicas representam um elemento de destaque, introduzindo um tratamento decorativo mais elaborado e

diferenciando-se das demais estruturas verticais. Capitéis trabalhados e detalhes entalhados complementam esse repertório ornamental.

No coroamento, a presença de escultura figurativa atua como elemento de finalização compositiva, reforçando o eixo vertical e consolidando a leitura ascensional do monumento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O monumento funerário da família Sarmiento constitui um exemplar relevante da arquitetura funerária de Bagé, destacando-se pela complexidade de sua composição e pela articulação de diferentes elementos arquitetônicos e decorativos.

Sua análise contribui para a compreensão do cemitério como espaço de diversidade formal e de expressão de trajetórias familiares de destaque, reforçando a importância de sua preservação enquanto patrimônio cultural.

REFERÊNCIAS

BASTIANELLO, E. M. T. *A memória retida na pedra*. Bagé: Praça da Matriz, 2016.

MONTEMUIÑO, E. Entrevista, 2024.

ROMERO, N. Entrevista, 2024.



6. MONUMENTO FUNERÁRIO DO VISCONDE RIBEIRO DE MAGALHÃES

INTRODUÇÃO

O Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé constitui um importante acervo de memória material, reunindo exemplares significativos da arquitetura funerária produzida entre os séculos XIX e XX. Nesse contexto, destaca-se o túmulo da família do Visconde Ribeiro de Magalhães, tanto por sua relevância histórica quanto por sua configuração arquitetônica, que evidencia soluções formais características de seu período de implantação.

OBJETIVO

O presente estudo tem como objetivo documentar e analisar o monumento funerário do Visconde Ribeiro de Magalhães, com ênfase em seus aspectos históricos e arquitetônicos, contribuindo para a valorização do patrimônio funerário de Bagé.

Autoras: Andréa Vieira Montardo; Larissa Nicolini Luna

Orientação: Prof^a. Ma. Marília Pereira de Ardovino Barbosa

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida a partir de visita técnica ao cemitério, levantamento fotográfico, entrevistas e participação em atividades acadêmicas relacionadas ao estudo da arquitetura e do patrimônio local.

ANÁLISE DO MONUMENTO

Contexto Histórico

O monumento está vinculado à trajetória de Antônio Nunes Ribeiro de Magalhães, nascido em Portugal em 1841, que se estabeleceu em Bagé em meados do século XIX. Atuou como comerciante, banqueiro, industrial e pecuarista, destacando-se pela fundação da Charqueada Santa Thereza, em 1897. Desempenhou importante papel na sociedade bageense por suas ações de filantropia e recebeu o título de visconde em 1906, concedido pelo rei de Portugal. Faleceu em 1926. Sua inserção no Cemitério da Santa Casa relaciona-se a um

grupo de personalidades de destaque econômico e político, cujos monumentos funerários expressam estratégias de afirmação social por meio da arquitetura.

Análise Arquitetônica

O monumento apresenta composição de caráter monumental, implantado em posição de esquina, o que lhe confere maior visibilidade e protagonismo na paisagem do cemitério.

Diferentemente de outros jazigos, sua implantação é marcada pela presença de uma cerca metálica que delimita um espaço ajardinado em seu entorno, criando uma zona de transição entre o monumento e o percurso, e reforçando sua individualização no conjunto.

A volumetria é fortemente verticalizada, estruturada a partir de uma base robusta que sustenta o desenvolvimento ascensional do conjunto. Essa base concentra o sistema de sepultamentos, acessados pela porção posterior, evidenciando uma organização funcional que separa o espaço de inumação da face principal, voltada à representação.

Sobre o embasamento, o monumento desenvolve-se segundo uma configuração piramidal acentuada, aproximando-se

formalmente de um obelisco.

Elementos verticais aplicados à estrutura, como as colunas adossadas, contribuem para a definição do contorno e para a marcação do ritmo da composição, ao mesmo tempo em que reforçam sua estabilidade formal. No plano frontal, a presença de um painel central em relevo introduz variação plástica à superfície, mantendo, contudo, a integridade do volume principal.

Destaca-se ainda a incorporação de detalhes decorativos em metal, aplicados como marchetaria, que introduzem um tratamento refinado ao conjunto e estabelecem contraste com a materialidade predominante do monumento.

O coroamento escultórico constitui o ponto de máxima expressão vertical, finalizando a composição e consolidando sua leitura ascensional, característica de monumentos funerários de forte carga representativa.

Elementos Escultóricos e Decorativos

A ornamentação do monumento apresenta-se integrada à estrutura arquitetônica, atuando de forma complementar à sua organização volumétrica e à ênfase na verticalidade.

Destacam-se os relevos aplicados ao plano frontal, especialmente o painel central de configuração ovalada, que introduz variação plástica à superfície sem comprometer a unidade formal do conjunto. Esses elementos são incorporados à massa do monumento, evitando a sensação de sobreposição e reforçando a leitura contínua das superfícies.

Um aspecto singular do monumento é a presença de detalhes em metal, recurso pouco recorrente no contexto cemiterial local. Esses elementos introduzem um refinamento material específico, qualificando pontualmente a composição.

No coroamento, a presença de elemento escultórico figurativo atua como arremate do eixo central, reforçando a direção ascensional do conjunto e concluindo a composição de maneira coerente com sua lógica formal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O monumento funerário da família do Visconde Ribeiro de Magalhães constitui um exemplar relevante da arquitetura cemiterial de Bagé, destacando-se pela articulação de sua volumetria piramidal e pela qualificação de sua implantação no espaço cemiterial.

Sua análise contribui para a compreensão do cemitério como

espaço de expressão de diferentes linguagens arquitetônicas, refletindo valores sociais, econômicos e culturais associados às elites locais no período.

REFERÊNCIAS

CRUZ, A. Reportagem – Bagé Agora, set. 2024.

MONTEMUIÑO, E. Entrevista concedida em 05 set. 2024.

ROMERO, N. Entrevista concedida em 08 set. 2024.

Palestra de abertura da Semana Acadêmica da Arquitetura e Urbanismo e Engenharia Civil, 2023.



7. MONUMENTO FUNERÁRIO DE ANTÔNIO DE SOUZA NETTO

INTRODUÇÃO

O Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé constitui um acervo significativo da arquitetura funerária. Entre eles, destaca-se o túmulo do General Antônio de Souza Netto, figura central da história regional, cujo monumento configura um dos casos mais emblemáticos de monumentalização e afirmação de memória no conjunto cemiterial.

OBJETIVO

O presente estudo tem como objetivo analisar o monumento funerário do General Netto, com ênfase em seus aspectos históricos e arquitetônicos e compositivos.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida a partir de levantamento fotográfico, observação direta do monumento, revisão bibliográfica e consulta a fontes históricas e documentais.

Autores: Glória Enaile M. Gonçalves; Leticia Cougo Machado

Orientação: Prof^a. Ma. Marília Pereira de Ardovino Barbosa

ANÁLISE DO MONUMENTO

Contexto Histórico

O túmulo do General Netto configura um caso singular na história do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé, tanto pela relevância do personagem quanto pela trajetória de seus restos mortais. Militar de destaque na Revolução Farroupilha e também participante da Guerra do Paraguai, Netto faleceu em 1866, na cidade de Corrientes, na Argentina.

Após sua morte, seus restos mortais foram trasladados sucessivas vezes. Inicialmente conduzidos a Bagé, foram inumados no jazigo-capela de sua família, construído por suas irmãs. Posteriormente, foram transferidos para Montevideu por suas filhas, onde permaneceram até meados do século XX.

O retorno definitivo a Bagé ocorreu apenas em 1966, no contexto das comemorações do centenário de sua morte, quando seus despojos foram solenemente trasladados e depositados no mausoléu atual. O processo de repatriação,

articulado por agentes locais e instituições históricas, reforça o caráter do monumento como expressão de heroização funerária e afirmação da memória pública.

Análise Arquitetônica

O monumento, implantado em lote de esquina, apresenta composição de caráter monumental, assentada sobre uma base robusta e elevada, que estabelece um claro distanciamento em relação ao plano do cemitério e reforça sua condição de destaque. Essa base funciona como elemento de sustentação e também como plataforma de leitura do conjunto, marcando o limite entre o espaço de circulação e o monumento propriamente dito.

A partir desse embasamento, desenvolve-se o elemento central da composição, configurado como um volume vertical dominante, que se aproxima da leitura de uma coluna monumental. Este corpo principal organiza toda a hierarquia do conjunto, concentrando os elementos mais significativos da composição.

No plano frontal desse volume, destaca-se a presença de um medalhão central com a efígie do General, que se insere como

ponto focal da fachada. Esse elemento é enquadrado por colunas de inspiração clássica, com fustes canelados, que estruturam visualmente o plano e introduzem uma ordem compositiva à superfície.

A organização geral evidencia uma clara hierarquia vertical: base, corpo central e coroamento articulam-se de forma progressiva, conduzindo o olhar ao topo do monumento. Sobre o volume principal, implanta-se uma grande urna, que atua como elemento intermediário entre a massa arquitetônica e a escultura de coroamento, estabelecendo uma transição formal entre esses níveis.

O sistema de sepultamento, por sua vez, não interfere na leitura frontal do monumento, sendo resolvido lateralmente. Essa separação entre acesso funcional e composição representativa reforça o caráter cenográfico da face principal, voltada à afirmação da memória.

Elementos Escultóricos e Decorativos

Os elementos escultóricos são fundamentais na definição da identidade do monumento, articulando-se diretamente com sua estrutura arquitetônica.

No plano central, o medalhão com a representação do General constitui o principal elemento figurativo, organizando a leitura da fachada e estabelecendo o eixo simbólico da composição.

Ladeando o volume central, observam-se duas figuras femininas, posicionadas de forma a acompanhar a verticalidade do conjunto. Essas esculturas não apenas qualificam plasticamente o monumento, mas também contribuem para o equilíbrio da composição, criando uma relação entre o eixo central e seus limites laterais.

No coroamento, a escultura superior, implantada sobre a urna, atua como elemento final da composição, reforçando a direção ascensional do conjunto e consolidando sua leitura vertical. A presença da urna como base desse coroamento introduz uma camada intermediária que articula arquitetura e escultura de forma contínua.

Complementando o conjunto, identificam-se placas comemorativas aplicadas ao monumento, que registram homenagens ao General.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O monumento funerário do General Antônio de Souza Netto

constitui um dos exemplares mais expressivos do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé, tanto por sua relevância histórica quanto por sua configuração arquitetônica.

Sua análise evidencia a articulação entre forma construída, implantação e construção de memória, demonstrando como a arquitetura funerária pode atuar como suporte material para a afirmação de figuras históricas. Ao mesmo tempo, o monumento destaca-se pela clareza de sua composição e pela integração entre volumes e elementos escultóricos, consolidando-se como um marco na paisagem cemiterial.

REFERÊNCIAS

BASTIANELLO, E. M. T. Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais: memória pública, étnica e artefactual (1858-1950). 2010. 169 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.



8. PANTEÓN

UM MONUMENTO ESPANHOL NO CEMITÉRIO DE BAGÉ

INTRODUÇÃO

O Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé foi inaugurado em 1858, sendo o quarto cemitério da cidade (Fagundes, 2012). Testemunho histórico, foi enriquecido através das décadas pelo trabalho de arquitetos e marmoristas que, patrocinados pela abundância do comércio e da pecuária local, produziram jazigos que imortalizaram simbolicamente importantes figuras. Os monumentos funerários são fontes de pesquisa por seu aspecto histórico, social e simbólico, pois os elementos que o constituem possuem significados diversos e relevantes.

Entre os monumentos do Cemitério de Bagé, destacamos o Panteón da Sociedade Espanhola, projeto da década de 20 e executado a partir dos anos 30, como símbolo da presença dos espanhóis na cidade e destacado monumento histórico e arquitetônico.

OBJETIVO

O presente estudo objetiva estudar a história e os significados

Autores: Luísa V. Alves de Mello; Luiz Miguel Saes Moraes

Orientação: Prof^a. Ma. Marília Pereira de Ardovino Barbosa

contidos no Panteón da Sociedade Espanhola, destacando seu valor histórico, social e simbólico, valorizando os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé.

METODOLOGIA

Pesquisa de cunho qualitativo, baseada na revisão bibliográfica de literatura pertinente, análise documental na Sociedade Espanhola de Bagé, entrevistas e visita exploratória no Cemitério da Santa Casa.

ANÁLISE DO MONUMENTO

Contexto Histórico

A Sociedade Espanhola de Bagé foi fundada em 1868. A presença deste grupo étnico na cidade fez-se notar no comércio, na pecuária, na cultura e na política, com espanhóis de destaque em diversos ramos da vida social de Bagé no princípio do século XX. A opulência econômica dos sócios possibilitou a construção do Solar da Sociedade, do então Teatro Espanhol e do Panteón,

monumento funerário que imortalizaria a presença e o trabalho da colônia hispânica na cidade (Bastianello, 2016)

A ideia de construir um Panteón que abrigasse os sócios falecidos da entidade foi formalizada em 1924, durante uma assembleia geral. A execução do projeto iniciou-se em 1933.

Autoria

O projeto é de autoria de Henrique Tobal, espanhol residente em Bagé que trabalhava como arquiteto, desenhista, escultor e chargista (Morgado, 2015), com execução de Severo Carrucio e gradis de Bernardino Diogo (Bastianello, 2016).

Análise Arquitetônica

O monumento configura-se como um panteão coletivo de caráter monumental, estruturando-se a partir de uma base maciça que concentra o sistema de sepultamentos, organizado por meio de lóculos inseridos nas faces do embasamento. Essa base, de marcada horizontalidade, constitui o principal suporte funcional do panteão, ao mesmo tempo em que estabelece um plano de sustentação visual para o desenvolvimento vertical do conjunto.

Sobre esse embasamento, eleva-se um volume de transição de caráter tronco-piramidal, que conduz a composição a um patamar superior plano, configurado como um bloco quadrangular elevado. Em torno desse plano, dispõem-se quatro colunas, que estruturam e delimitam esse nível intermediário. A partir do centro desse volume elevado, emerge o elemento de coroamento, de acentuada verticalidade, aproximando-se formalmente de um obelisco. Nesse elemento, destaca-se a presença do brasão do Reino da Espanha, reforçando o caráter identitário e institucional do panteão. No topo, a composição é finalizada por escultura religiosa, que introduz uma dimensão devocional explícita e conclui simbolicamente o conjunto.

A linguagem arquitetônica do monumento evidencia uma transição em relação ao ecletismo mais ornamental, aproximando-se de uma composição mais depurada e geometrizada. Embora ainda se reconheçam referências acadêmicas na organização hierárquica, o conjunto apresenta superfícies mais limpas, com redução do repertório decorativo e ênfase na clareza volumétrica.

Destaca-se a articulação entre planos horizontais bem definidos

e a verticalização progressiva do conjunto, construída por meio de volumes escalonados e pela emergência de um eixo central acentuado. Essa estratégia compositiva aproxima o monumento de soluções vinculadas ao repertório do Art Déco, perceptível sobretudo na simplificação das formas, na geometrização dos elementos e na contenção ornamental.

Elementos Escultóricos e Decorativos

O conjunto apresenta ornamentação contida, integrada à composição arquitetônica. Destacam-se as quatro urnas que arrematam as colunas do volume intermediário, a inscrição do nome da Sociedade em relevo, aplicada às superfícies do monumento, bem como a presença do brasão do Reino de Espanha. O conjunto é finalizado pela imagem do Sagrado Coração de Jesus, que atua como elemento de arremate e reforça a verticalidade da composição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Panteón da Sociedade Espanhola constitui um exemplar relevante da arquitetura funerária de Bagé, destacando-se tanto por sua qualidade construtiva quanto por sua clareza

compositiva.

Sua análise evidencia o papel das associações étnicas na conformação da paisagem urbana e funerária da cidade, além de reforçar a importância do cemitério como espaço de registro material de diferentes trajetórias sociais e culturais.

REFERÊNCIAS

BASTIANELLO, E.M.T. *A memória retida na pedra*. Bagé: Praça da Matriz, 2016.

FAGUNDES, E. *Inventário cultural de Bagé: um passeio pela história*. Porto Alegre: Evangraf, 2012.

MORGADO, H.M.B. *Henrique Tobal: um gênio espanhol em Bagé*. Bagé: Praça da Matriz, 2015.



9.O JAZIGO DE TRISTÃO RIET

INTRODUÇÃO

O Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé, um dos mais antigos do Rio Grande do Sul, constitui importante registro material da história urbana, social e cultural da cidade. Nesse contexto, destaca-se o jazigo da família de Tristão Riet, cuja composição apresenta características pouco recorrentes entre os exemplares funerários locais do início do século XX. A adoção predominante do granito, a simplificação ornamental e a organização baseada em formas geométricas conferem singularidade ao monumento, diferenciando-o de jazigos vinculados aos repertórios clássicos e historicistas predominantes no período. Além de seu interesse arquitetônico, o monumento evidencia a circulação de referências e modelos entre Bagé e a região platina, aspecto reforçado por sua relação com exemplar existente no Cemitério Central de Montevideú.

Autoras: Monike V. Girard; Myllena R. Vaz

Orientação: Prof^a. Dra. Magali Nocchi Collares Gonçalves

OBJETIVO

O presente estudo tem como objetivo documentar e analisar o jazigo de Tristão Riet, com ênfase em seus aspectos arquitetônicos, compositivos e históricos, contribuindo para a compreensão de sua inserção no conjunto funerário de Bagé.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida a partir de levantamento fotográfico, entrevistas, consulta a fontes documentais e observação direta do monumento, buscando compreender suas características formais, materiais e sua relação com outros exemplares similares.

ANÁLISE DO MONUMENTO

Contexto Histórico

As informações sobre a trajetória da família foram obtidas, em parte, por meio de entrevista com Maria Margarida Lemos de Carvalho, vinculada à família Riet. Segundo o relato, Tristão Riet

esteve associado a atividades agropecuárias, com atuação entre Bagé e Montevideu, onde mantinha residência.

Ainda conforme a entrevistada, a encomenda do jazigo foi realizada no Uruguai, sendo o monumento inspirado em exemplar existente no Cemitério Central de Montevideu. O conjunto inclui espaço subterrâneo destinado ao depósito de urnas funerárias da família, evidenciando a organização interna do sepulcro para uso continuado.

Localização

Quadrante C, nº 79, TP 21.

Análise Arquitetônica

O monumento configura-se como um jazigo de caráter monumental, construído integralmente em granito cinza e organizado segundo uma composição frontal simétrica. Sua organização volumétrica apresenta clara hierarquia compositiva, com ênfase no eixo central e na estabilidade formal do conjunto.

Diferentemente de grande parte dos jazigos produzidos no período, marcados pelo uso recorrente do mármore e pela

adoção de repertórios historicistas associados à tradição clássica, o túmulo de Tristão Riet destaca-se pela utilização predominante do granito e pela simplificação de sua linguagem arquitetônica. A composição afasta-se dos modelos acadêmicos tradicionais, não empregando colunas clássicas, frontões ou ornamentação excessiva.

O conjunto estrutura-se a partir da articulação de volumes geométricos escalonados e superfícies depuradas, evidenciando uma busca por síntese formal e monumentalidade obtida pela massa e pela composição volumétrica, mais do que pelo ornamento aplicado. Essa solução confere ao jazigo caráter singular dentro do contexto funerário local do início do século XX, aproximando-o de tendências de simplificação formal que se consolidariam posteriormente em linguagens modernas.

A materialidade reforça essa leitura: o emprego do granito contribui para a percepção de solidez, permanência e sobriedade, diferenciando o monumento de exemplares contemporâneos executados em mármore. O acesso ao interior é realizado por meio de porta central integrada ao eixo compositivo, marcando o ponto de articulação entre exterior e espaço interno do jazigo.

Elementos Escultóricos e Decorativos

A ornamentação do monumento apresenta-se de forma integrada e controlada, subordinada à lógica compositiva da arquitetura. Destaca-se, no coroamento, a presença de escultura figurativa feminina em atitude de lamento, executada em metal, que atua como elemento de finalização e enfatiza o eixo vertical do conjunto.

Na fachada frontal, baixos-relevos figurativos são incorporados à superfície, compondo cenas de caráter narrativo sem romper a unidade formal do monumento. Esses elementos, assim como os demais detalhes ornamentais, apresentam execução que dialoga com o uso de materiais metálicos, reforçando o contraste com o granito.

Complementando a leitura material, destaca-se a cerca ornamental metálica que delimita o jazigo, introduzindo um tratamento refinado do detalhe e reforçando a unidade entre escultura e ornamento.

Na porta de acesso, a inscrição “Pax” insere-se como elemento simbólico discreto, articulando linguagem visual e significado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jazigo de Tristão Riet constitui um exemplar singular da arquitetura funerária presente no Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé, destacando-se pela adoção de soluções compositivas distintas daquelas mais recorrentes no início do século XX. A utilização predominante do granito, a simplificação ornamental e a organização baseada em volumes geométricos conferem ao monumento caráter particular dentro do conjunto funerário local.

Além de seu valor arquitetônico e escultórico, o jazigo constitui importante documento histórico e material, contribuindo para a compreensão das práticas funerárias, das formas de representação da memória e das transformações da linguagem arquitetônica no contexto cemiterial da época.

REFERÊNCIAS

Entrevista com Maria Margarida Lemos de Carvalho

Entrevistas com Nilo Romero

Acervo Cemitério Central de Montevideu



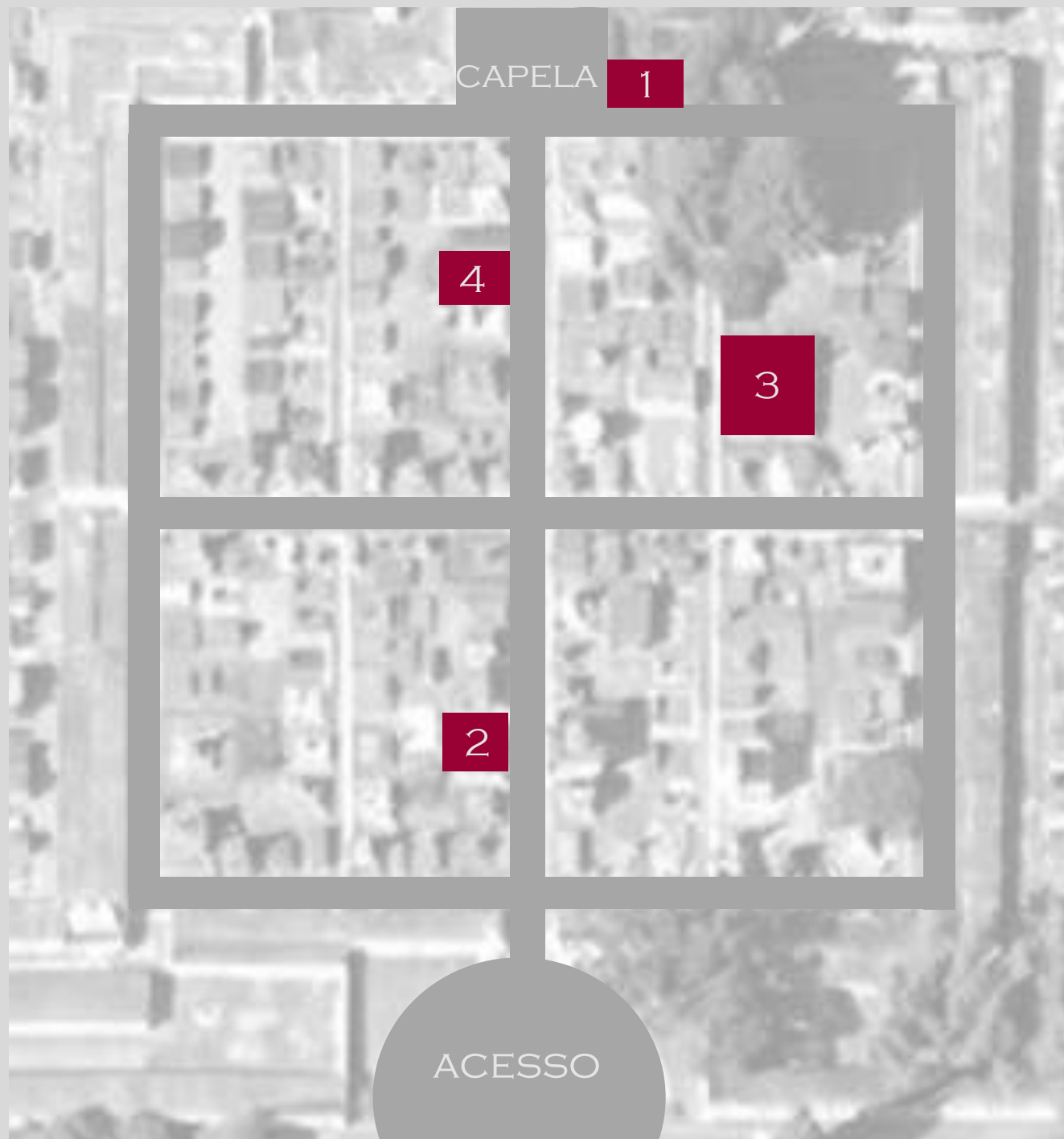
MAQUETES

1-TÚMULOS DA FAMÍLIA DE JOSÉ LUIZ MARTINS

2-MONUMENTO FUNERÁRIO DA FAMÍLIA GIORGIS

3-PANTEÓN: UM MONUMENTO ESPANHOL NO CEMITÉRIO DE BAGÉ

4-O JAZIGO DE TRISTÃO RIET







1. TÚMULOS DA FAMÍLIA DE JOSÉ LUIZ MARTINS

Autores: Érika Rodrigues; Monike V. Girard; Rafael Morales; Raniéri Molinz

Orientação: Prof. Esp. Marcelo David Pereira



1. MONUMENTO FUNERÁRIO DA FAMÍLIA GIORGIS

Autores: Douglas Echeverria Ritta; Lorena Fiuza; Schariane Viana

Orientação: Prof. Esp. Marcelo David Pereira



3. PANTEÓN—UM MONUMENTO ESPANHOL NO CEMITÉRIO DE BAGÉ

Autores: Maurício Schervesnquy; Giovanna Schmidt; Vanessa Minotto;
Vinícius Fagundes Nogueira

Orientação: Prof. Esp. Marcelo David Pereira



4. O JAZIGO DE TRISTÃO RIETH

Autores: Andrew Schmidt; Giovana Trebien Rosa; Giovanna Portella

Orientação: Prof. Esp. Marcelo David Pereira



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé, inaugurado em 1858, constitui um significativo acervo de arquitetura funerária. Mais do que espaço destinado à inumação, configura-se como território de memória e como campo de produção arquitetônica, no qual diferentes formas de representar e performar a morte se materializam ao longo do tempo.

Sua implantação urbana reforça essa condição. Localizado no ponto de origem da Avenida Sete de Setembro, o cemitério estabelece uma relação direta com a estrutura da cidade, enquanto seu traçado interno, organizado em quadras ortogonais, aproxima-se da própria lógica de ordenação urbana de Bagé. Nesse sentido, cidade e necrópole compartilham princípios de organização espacial, constituindo-se como estruturas complementares.

A análise dos monumentos evidencia um percurso de transformações arquitetônicas que se inicia nos núcleos mais antigos, junto à capela, e se desdobra em diferentes linguagens ao longo do tempo. Cada túmulo, nesse contexto, não apenas

abriga restos mortais, mas constitui um projeto arquitetônico dotado de intenção, linguagem e materialidade específicas. Os jazigos da família Martins representam um momento inicial de ocupação, marcado por soluções mais contidas e por uma relação direta com o plano do terreno. Ainda assim, já evidenciam variações formais que indicam a presença de escolhas projetuais no interior de um mesmo contexto familiar. A partir desse ponto, observa-se a progressiva afirmação da arquitetura funerária como instrumento de distinção social. Monumentos como os das famílias Giorgis, Collares e Sarmiento revelam a adoção consciente de repertórios arquitetônicos — neoclássicos, neogóticos e historicistas — mobilizados como linguagem de representação. No caso do sepulcro da família Sarmiento, a complexidade compositiva e a densidade ornamental evidenciam uma arquitetura de forte caráter expressivo, na qual diferentes referências são articuladas de forma intencional.

O jazigo da família Alamon intensifica esse processo ao incorporar soluções de maior destaque volumétrico e ao evidenciar a circulação internacional de modelos arquitetônicos, sendo executado no exterior. De modo semelhante, outros monumentos analisados revelam a presença de encomendas especializadas e a atuação de oficinas e profissionais vinculados a diferentes centros urbanos, indicando que o fazer arquitetônico ultrapassa o âmbito local.

A relação entre arquitetura e clientela torna-se, nesse contexto, elemento fundamental de compreensão. Os monumentos funerários são, em sua maioria, encomendados por indivíduos e grupos de elevado prestígio — pecuaristas, comerciantes, políticos e associações — cujas escolhas formais, materiais e construtivas refletem estratégias de afirmação social e simbólica. Assim, cada projeto materializa não apenas uma memória, mas também uma posição no tecido social.

Essa dimensão se explicita de forma ainda mais clara em monumentos de caráter público, como o túmulo do General Antônio de Souza Netto, no qual a arquitetura atua como instrumento de monumentalização de uma figura histórica, e no Panteón da Sociedade Espanhola, projetado por Henrique

Tobal, que evidencia a atuação direta de um arquiteto na concepção de um monumento funerário e reforça o papel das associações na construção da memória coletiva.

A partir das primeiras décadas do século XX, observam-se transformações na linguagem arquitetônica funerária, com a gradual simplificação das composições e a redução do repertório ornamental historicista. Nesse contexto, o jazigo da família Riet destaca-se por apresentar soluções pouco recorrentes no conjunto local, especialmente pelo uso predominante do granito, pela ausência de ordens clássicas tradicionais e pela composição baseada em volumes geométricos e superfícies depuradas. Essas características conferem singularidade ao monumento e evidenciam novas possibilidades compositivas e materiais no âmbito da arquitetura funerária bageense.

O Cemitério revela-se, assim, como um campo privilegiado para a leitura da prática arquitetônica ao longo do tempo. Nele, estão presentes elementos fundamentais do fazer arquitetônico — cliente, programa, linguagem, técnica, materialidade e autoria — que permitem compreender a arquitetura funerária como parte integrante da produção arquitetônica, e não como manifestação secundária ou meramente decorativa.

A presente publicação, ao reunir os resumos expandidos e as maquetes produzidas pelos estudantes do Curso de Arquitetura e Urbanismo da URCAMP, propõe uma leitura arquitetônica desse conjunto, evidenciando seus aspectos formais, compositivos e espaciais. Mais do que um registro, constitui uma contribuição efetiva para a valorização do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé enquanto patrimônio cultural, reafirmando o papel da arquitetura como instrumento de compreensão, interpretação e mediação do espaço construído. Ao tornar visível essa dimensão, o trabalho não apenas documenta o Cemitério, mas o reposiciona como um espaço de projeto — um lugar em que a arquitetura se manifesta de forma plena, articulando memória, representação e construção ao longo do tempo.

O organizador

GLOSSÁRIO

Arco ogival: Arco arquitetônico que apresenta uma ponta aguda no topo, formato característico da arquitetura gótica e neogótica.

Arco pleno: Arco de formato semicircular contínuo.

Capitel: Parte superior de uma coluna ou pilastra que atua como arremate e costuma receber rica ornamentação.

Chave (de arco): A pedra ou elemento decorativo central que fecha o topo de um arco.

Coluna adossada: Coluna estrutural ou decorativa encostada ou parcialmente embutida em uma parede.

Coluna salomônica: Coluna cujo fuste se desenvolve em formato de espiral, evocando movimento.

Coroamento: O elemento de arremate na parte mais elevada de uma estrutura arquitetônica.

Cúpula: Cobertura convexa e arredondada, posicionada sobre a base de uma edificação para coroa-la.

Ecletismo: Linguagem arquitetônica, muito popular no final do século XIX e início do XX, que mistura repertórios históricos de estilos diferentes.

Embasamento: Base inferior, quase sempre robusta e elevada, que estabiliza e sustenta o corpo principal de um monumento.

Entablamento: Conjunto horizontal que se apoia diretamente sobre os capitéis das colunas ou pilastras, geralmente dividindo o corpo principal do frontão.

Frontão: Arremate superior de fachadas de inspiração clássica. O livro descreve o uso recorrente de frontões em diferentes versões: frontões, triangulares e triangulares agudos.

Fuste (canelado): O corpo cilíndrico de uma coluna, compreendido entre a base e o capitel. O termo "canelado" significa que este corpo possui sulcos verticais escavados (caneluras).

Jazigo-capela: Tipologia de monumento funerário que assume as feições estruturais e estéticas de uma pequena capela.

Lóculo: Nicho, gaveta ou cavidade inserida em paredes destinadas a receber os sepultamentos.

Marchetaria: Técnica de embutir e incrustar diferentes materiais contrastantes numa superfície para formar desenhos

Neoclássico: Estilo que remete aos padrões de simetria, solidez e formas da arquitetura da antiguidade clássica (greco-romana).

Neogótico: Estilo revivalista que resgata elementos da arquitetura gótica, conhecido pela forte ênfase na verticalidade e adoção de linhas pontiagudas.

Ordem coríntia: Estilo clássico cujas colunas possuem proporções esbeltas e o capitel é ricamente enfeitado com folhagens (tradicionalmente, folhas de acanto).

Panteão (Panteón): Estrutura funerária coletiva monumental, construída para concentrar o sepultamento de figuras notórias, membros familiares de destaque ou grandes organizações.

Pilastra: Tipo de pilar ou coluna de base plana que se projeta levemente de uma parede.

Pináculo: Pequeno pilar de aspecto muito afiado e pontiagudo no topo das construções. Esse elemento é recorrente no repertório gótico.

Platibanda: Parede superior construída no alinhamento da fachada para servir de arremate ou prolongamento e ocultar os telhados.

Rendilhado: Decoração esculpida em fachadas, feita de recortes geométricos perfurados com grande precisão que simulam um tecido de renda.

Rosácea: Janela circular ou elemento ornamental em formato de rosa estilizada, cujos recortes internos formam raios que partem de um núcleo.

Tímpano: A superfície, seja ela triangular ou em formato de arco, delimitada internamente pelas cornijas de um frontão.

Trifólio: Um desenho geométrico e ornamental da arquitetura religiosa tradicional caracterizado por apresentar três lobos de círculo cruzados, semelhante a um trevo.

"Ao reunir esses estudos, o livro propõe não apenas o registro de exemplares significativos do Cemitério da Santa Casa de Bagé, mas também uma forma de olhar para eles. Trata-se de uma leitura que evidencia as possibilidades da arquitetura enquanto instrumento de análise, capaz de contribuir para a compreensão desses monumentos a partir de sua forma construída, de sua implantação e de suas relações com o conjunto. [...] busca-se, assim, oferecer uma chave de leitura que permita reconhecer, no Cemitério, não apenas um espaço de memória, mas também um campo qualificado de produção arquitetônica."

REALIZAÇÃO



ARQUITETURA E URBANISMO



PATROCÍNIO

CAU/RS